

CASAIS DISFUNCIONAIS E A INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO PSÍQUICA DOS FILHOS

Luciana Melo da Rosa¹
Luziana Gondim Melo Vieira²
Cláudia Egypto Machado³

RESUMO

A influência do relacionamento dos pais sobre o desenvolvimento dos filhos sempre foi motivo de estudo, desde o surgimento da primeira teoria sobre desenvolvimento infantil. Pensando nisso foi que surgiu a ideia de escrever sobre a relação do casal disfuncional com os filhos e as consequências desse tipo de relação para esses filhos. Portanto, esse estudo foi desenvolvido por meio da revisão de literatura, procurando verificar as consequências geradas por uma relação disfuncional, para os filhos. Concluiu-se através da pesquisa que dependerá do filho, e da forma como ele percebe a relação do casal, rever questões da família, de modo a elaborar, para não repetir os padrões herdados.

Palavras-chave: Casal, desenvolvimento infantil, transgeracionalidade, ciclo de vida

1. INTRODUÇÃO

Pensando na importância da figura do casal para os filhos, por meio da relação a dois, na convivência em família e na contribuição das teorias sobre o desenvolvimento infantil, foi que surgiu a ideia de escrever sobre os conflitos conjugais e verificar até que ponto eles podem influenciar no processo de constituição psíquica dos filhos.

De acordo com Anton (2014), o relacionamento íntimo entre duas pessoas representa o fechamento de um ciclo. A partir daí ocorre um processo onde o sujeito passa a estabelecer relações mais estreitas, conseguindo produzir seus próprios frutos. No que concerne a escolha do cônjuge, aparentemente escolhemos, porém as influências dos genitores, de como conduziram a própria relação e a relação com o filho, formam mensagens que são guardadas e surgem no momento em que se identifica o “parceiro ideal”, ou seja, as relações se estabelecem com base nos registros pessoais, nas crenças e recursos desenvolvidos, na integração da bagagem genética com diferentes modelos e níveis de aprendizagem.

1 Graduada em Psicologia (UNIFOR), pós-graduada em Neuropsicodiagnóstico e Neuropsicologia (UniChristus), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

2 Graduada em Psicologia (UNIFOR), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

3 Graduada em Psicologia (UFC), Mestre em Saúde Pública (UECE) .

Portanto, as pessoas são conduzidas por uma grande bagagem inconsciente, que tem poder de influência sobre as decisões. O poder de influência das mensagens contidas no inconsciente é tão relevante que Anton (2014) refere haver dificuldades por parte de pessoas que não têm um autoconhecimento, ou não tem elaborado adequadamente os próprios conflitos infantis.

Verifica-se por meio das afirmações anteriores a importância dos acontecimentos da infância e a influência dos pais no processo de constituição do filho. Mas essa compreensão só foi possível acontecer através das descobertas realizadas por Freud, sobre a infância. Conforme Minuchin, Nichols e Lee (2009) foi Freud que iniciou os estudos voltados para a observação do desenvolvimento infantil, com a ideia de que as desordens psicológicas eram problemas não resolvidos na infância. Além disso, no desenvolvimento dessa linha de raciocínio, a família ainda foi acusada de sedução da inocência e depois de repressão cultural. Assim, concluiu-se que os problemas emocionais eram gerados na própria família e a solução para isso seria isolar os parentes do tratamento do paciente.

Depois veio Adler, seguidor de Freud, que considerou, que a melhor forma de prevenir as neuroses adultas nas crianças seria através do tratamento dessas crianças. William Healy, precursor entre as clínicas de assistência infantil, atuou com tratamento e avaliação de problemas infantis, conduzido por uma equipe clínica, que dedicava uma considerável parte do tempo desse tratamento ao ambiente familiar. Além dos anteriores, David Levy, um dos nomes importantes que contribuiu para o desenvolvimento de teorias que visavam explicar o desenvolvimento infantil, apostou na relação mãe e filho, onde atribuía à superproteção materna a principal causa dos problemas psicológicos infantis (MINUCHIN; NICHOLS; LEE, 2009).

Bowlby também foi um dos teóricos que inovou no estudo do desenvolvimento infantil, pois através do atendimento a uma criança, percebeu que quando o atendimento era focado na família tinha mais resultados. Nathan Ackerman também passou a atuar com foco na família e sugeria estudar a família da criança, no intuito de entender mais sobre a criança e a dinâmica familiar, para diagnosticar problemas (MINUCHIN; NICHOLS; LEE, 2009).

É possível verificar que ao longo da história dos estudos sobre desenvolvimento

1 Graduada em Psicologia (UNIFOR), pós-graduada em Neuropsicodiagnóstico e Neuropsicologia (UniChristus), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

2 Graduada em Psicologia (UNIFOR), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

3 Graduada em Psicologia (UFC), Mestre em Saúde Pública (UECE) .

infantil, foi estabelecida uma relação estreita entre o comprometimento emocional dos filhos e a relação disfuncional do casal refletindo na família. Mas a questão principal que deu base para o desenvolvimento desse estudo vai além da reflexão sobre a dinâmica da interação do casal com os filhos. Buscou-se descobrir, por meio da análise da literatura atual, como repercute no filho a convivência com pais que vivenciam uma relação conjugal disfuncional.

2. METODOLOGIA

Foi analisada a produção científica disponibilizada em artigos, cujos temas fossem Casal em Crise, Transgeracionalidade, Diferenciação do Casal, Conflitos conjugais, Ciclo Vital, Linguagem. Para desenvolvê-la foram feitos levantamentos em estudos, a partir de autores que consideram a constituição do ideal de casal, iniciando na infância, tendo como referência figuras significativas, fatores que interferem na relação e a dificuldade dos filhos, apresentada pela falta de um modelo de figuras significativas funcional.

A amostra utilizada foi composta por artigos disponibilizados, na base de dados Google Acadêmico. Esta base foi escolhida por apresentar maior facilidade na busca e conter uma variedade considerável de periódicos científicos. Como critério para seleção das fontes de dados, utilizaram-se artigos cujas palavras-chave eram: “conjugalidade”, “comunicação”, “padrão transgeracional”, “casamento” e “disfuncionalidade”, delimitando um período, correspondente a dez anos de produção, ou seja, o material utilizado envolveu artigos de 2006 até 2016.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A constituição da ideia de casal na infância

Conforme a teoria psicanalítica das relações objetais, o ser humano tem a necessidade de se relacionar e essa necessidade é manifestada quando há uma falta, que pode ser suprida através da relação com um objeto. Essa relação tem início

1 Graduada em Psicologia (UNIFOR), pós-graduada em Neuropsicodiagnóstico e Neuropsicologia (UniChristus), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

2 Graduada em Psicologia (UNIFOR), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

3 Graduada em Psicologia (UFC), Mestre em Saúde Pública (UECE) .

quando a necessidade do sujeito de se relacionar com o objeto ocupa uma posição central, o que recebe um suporte das fases de desenvolvimento (oral, anal e genital) citadas na teoria instintiva por Freud, que visam reduzir tensões instintivas. Logo, conforme Calil (1987) essas teorias são complementares e explicam o acontecimento da relação da criança com os pais, que ocorre pautado tanto nas questões instintivas, quanto na necessidade de socialização e ao mesmo tempo informam sobre as possibilidades do indivíduo se colocar no mundo, com base na constituição do desejo.

O desejo pelo outro tem sua constituição e seu molde a partir das relações estabelecidas com as figuras paterna e materna. É natural do ser humano apresentar a sensação de vazio e se colocar no mundo, como sujeito desejante, no intuito de suprir uma falta. Whitaker (1995) discorre sobre essa ideia, dando interpretação própria e classificando tal sensação como sendo uma espécie de deficiência.

Ele justifica essa nomeação, pois parte da ideia da falta, então, conforme o autor, seríamos todos deficientes em algum grau. Porém, essa deficiência é maquiada pelo instinto de reprodução, ao mesmo tempo ela atua como plano de fundo do modo de funcionar do indivíduo na relação e o possibilita ainda se complementar através do outro, pois uma relação à dois acontece justamente no intuito de uma complementação mútua, onde o que tem em um, falta no outro. Logo, o que propicia a junção de duas pessoas no casamento é exatamente a necessidade de completude.

A teoria de Bowlby, explicada por Hazan (2012), apresenta uma proximidade com as ideias citadas, no que diz respeito à necessidade de completude, quando afirma que os comportamentos na infância, dirigidos aos cuidadores primários, na vida adulta são redirecionados ao cônjuge. No entanto, o autor vai além e conforme essa teoria, a forma como o indivíduo desenvolve o apego apresenta quatro características distintas, evidentes em relação a uma figura que seriam:

“(...) procurar e manter a proximidade física (manutenção da proximidade), procurar ajuda ou conforto (porto seguro), sofrer com separações prolongadas (sofrimento de separação) e utilizar uma figura de apego como base de segurança para o envolvimento em atividades sem apego (base segura).” (HAZAN, 2012, p.48)

Ainda sobre o processo de vinculação, segundo as autoras Mahler e Rabinovitch (1971), o casal se constitui para formar mais que um mero grupo de

1 Graduada em Psicologia (UNIFOR), pós-graduada em Neuropsicodiagnóstico e Neuropsicologia (UniChristus), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

2 Graduada em Psicologia (UNIFOR), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

3 Graduada em Psicologia (UFC), Mestre em Saúde Pública (UECE) .

indivíduos, onde tal grupo optou por conviver devido a afinidades e interesses mútuos. A relação ocorre porque, além da compatibilidade na afinidade e nos interesses, há uma ligação emocional forte que torna a relação uma conexão tão intrincada e, ao mesmo tempo, isso faz com que eles se sintam atraídos mutuamente e se mantenham unidos.

Hazan (2012) explica a teoria do apego tornando clara essa vinculação do casal, quando se refere à criança e ao processo de separação do cuidador, fatos que influenciam na constituição da subjetividade. Conforme o autor afirma, os adultos enfrentam um processo semelhante, quando separam de parceiros relevantes. Os adultos passam a adotar o seguinte padrão de respostas, pela perda de um parceiro duradouro:

“(...) protesto (caracterizado por choro, agarramento, ansiedade e comportamento de procura), seguido por desespero (sono interrompido, redução do apetite, inatividade e depressão) e, eventualmente, desapego (evidente a reunião, na forma de distanciamento físico e/ou emocional dos cuidadores).” (HAZAN, 2012, p.49)

Segundo Anton (2009), no que concerne ao processo de constituição subjetiva dos filhos, eles são fruto da associação de um conjunto de fatores genéticos, mas também socioeconômicos, culturais, familiares e conjugais. Dessa forma, pode-se compreender que os estágios de desenvolvimento associados ao conjunto de fatores que colaboram para a constituição do indivíduo, na relação com os pais, também são aqueles que influenciam na escolha do cônjuge e, ao mesmo tempo, dão o direcionamento da relação.

Féres-Carneiro e Diniz Neto (2010) desenvolveram uma revisão de literatura sobre estudos que introduziram metodologias de investigação sobre os padrões de formação e dissolução de casais e contribuíram para o atendimento clínico destes. Os autores tiveram a oportunidade de constatar, através desse levantamento, que a conjugalidade, conforme a perspectiva sistêmica, é um processo complexo, cheio de peculiaridades, que envolve diversos níveis do relacionamento e contextos, o que resulta na definição psicossocial da relação afetiva como sendo estável ou não.

Além disso, averiguaram que diversos são os fatores que contribuem para a construção e dissolução de uma relação, tais como: a valorização dos traços de

1 Graduada em Psicologia (UNIFOR), pós-graduada em Neuropsicodiagnóstico e Neuropsicologia (UniChristus), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

2 Graduada em Psicologia (UNIFOR), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

3 Graduada em Psicologia (UFC), Mestre em Saúde Pública (UECE) .

personalidade em casamentos felizes e a desvalorização dos traços de personalidade em casamentos infelizes; a percepção de que a relação a dois é a construção de uma realidade em comum; a satisfação relacionada com a estabilidade do casal e a insatisfação relacionada com a instabilidade.

3.2 Alguns fatores que contribuem para a instabilidade na relação

Fazer o levantamento de fatores que influenciam na desarmonia do casal, não é tarefa fácil, pois um casal é constituído por duas pessoas distintas, que juntas desenvolvem uma forma particular de conviver, é o que afirmam Mosmann e Falcke (2011). Então, eles concluíram que existe uma infinidade de combinações, com um grande número de fatores específicos de cada casal, que influenciam a relação. Porém, existe uma certa frequência da apresentação de alguns fatores, que contribuem para uma relação disfuncional e podem ser observados. Serão apresentados a seguir alguns fatores relevantes que influenciam na relação do casal.

Novos casais frequentemente apresentam problemas com o processo de diferenciação da família de origem. De acordo com Schuster et. al. (1995) as dificuldades básicas iniciam com coisas simples e fundamentais para a construção da identidade do casal como por exemplo a criação das próprias regras, valores e objetivos. Tal dificuldade se dá quando pelo menos um dos cônjuges ainda permanece emaranhado em relação a sua família de origem.

Um fato inegável é a força que a família de origem exerce sobre o casal, visto que a relação triangular, estabelecida com os pais, exercerá grande influência na qualidade do vínculo do casal. Então, a constituição de vínculos saudáveis estará na dependência de como ocorreu a diferenciação de cada cônjuge em relação aos genitores. (SHUSTER et. al.; 1995)

Um dos efeitos, ocasionados por um processo de diferenciação, é o surgimento da ansiedade. O filho mais envolvido na fusão familiar é portador de uma ansiedade multigeracional, com um nível mais baixo de diferenciação do self. Esse é um dos pontos ressaltados por Bueno (et al 2013) em sua pesquisa, de caráter exploratório, realizada com quatro casais, desenvolvida com o intuito de verificar como ocorre o

1 Graduada em Psicologia (UNIFOR), pós-graduada em Neuropsicodiagnóstico e Neuropsicologia (UniChristus), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

2 Graduada em Psicologia (UNIFOR), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

3 Graduada em Psicologia (UFC), Mestre em Saúde Pública (UECE) .

processo de diferenciação de casais, em relação a família de origem.

A pesquisa foi capaz de detectar que os cônjuges se sentem apegados à família de origem, mesmo longe fisicamente, e as mulheres são as que sentem um maior apego. Os achados do trabalho de Bueno (et al 2013) não evidenciaram problemas graves com relação aos casais, objetos de estudo da pesquisa, pois a sua grande maioria tem uma boa vivência de seus casamentos e questões são resolvidas cotidianamente através de conversas e combinações. Mas, em algumas ocasiões de conflito, três das quatro mulheres precisam de um tempo para se acalmar e conversar. Mossumeci e Ponciano (2015) desenvolveram uma pesquisa sobre coping diádico e ciclo conjugal, com o intuito de verificar a influência da família de origem nos momentos de estresse do casal, nas fases de constituição do casal e do nascimento do primeiro filho. Para isso foram realizadas dez entrevistas, com casais heterossexuais, de origem do Rio de Janeiro e de Curitiba.

No levantamento de informações, através das entrevistas, as autoras detectaram no primeiro casal uma relação simbiótica entre mãe e filha, dificuldades para lidar com a sogra e estabelecer regras para a relação. No quinto casal a esposa também encontrou grande dificuldade em se diferenciar da família de origem, por ser filha única e estar sempre ao lado dos pais. O marido ficou ao lado da esposa nesse processo, porem relatou dificuldade, pois, devido à relação e à afinidade do casal ele também se sentiu triste.

Vale lembrar aqui que esses achados apresentam concordância com a pesquisa de Bueno (et al 2013), que faz referência a dificuldade das filhas em se diferenciar da família de origem. Loredio e Strom (2002) também faz referência a essa dificuldade, enfatizando a questão de gênero, visto que afirma com base em dados confirmados, que a família de origem do parceiro feminino exerce uma influência muito superior quando comparado à família do parceiro masculino.

De modo geral, foi constatado através da leitura e análise do discurso dos entrevistados, que existem momentos de estresse, nas fases iniciais do ciclo de vida, relacionados a questões com a família de origem e o processo de adaptação ao nascimento do primeiro filho. Alguns casais afirmaram que os momentos de maior estresse estavam relacionados com a aproximação ou o afastamento da família de

1 Graduada em Psicologia (UNIFOR), pós-graduada em Neuropsicodiagnóstico e Neuropsicologia (UniChristus), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

2 Graduada em Psicologia (UNIFOR), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

3 Graduada em Psicologia (UFC), Mestre em Saúde Pública (UECE) .

origem, remetendo ao processo de separação dessa família ou à intromissão dos pais em conflitos e sentimentos negativos. (MOSSUMECI; PONCIANO, 2015)

Além disso, Mossumeci e Ponciano (2015) ainda conseguiram verificar o modo de funcionamento da família de origem, capaz de propiciar benefícios a relação do casal. A família de origem pode exercer a função de fonte de apoio e ponto de referência social. Dessa forma o processo de diferenciação é favorecido, repercutindo inclusive no bem-estar do casal.

Conforme o andamento do processo de diferenciação e do companheirismo, as dificuldades podem ser superadas em parceria, conforme apresentado no estudo anterior. Mas quando há dificuldades na relação, que ao longo do tempo vão agravando?

As ações de um dos cônjuges alimentam as reações do outro, de modo contínuo e frequente, esse processo se torna um ciclo e quando os dois vivenciam momentos de crise, podem fatalmente se perder em um caminho, com dificuldades para retomar uma relação funcional. No que concerne ao modo de agir do casal, Santir (1995) afirma que no movimento natural do casal, na relação, as ações provocam reações compatíveis com a forma de se manifestar do outro, pois qualquer atitude que um dos cônjuges apresenta afeta o outro.

Como consequência esse outro irá responder e essa resposta levará a uma modelagem do Eu daquele que responde. Essa forma de interação estabelece o modelo de funcionamento do casal, que se traduz em normas consideradas adequadas, e acaba também direcionando a relação de modo a estabelecer limites e expandir a vida de cada um dos cônjuges. (SANTIR; 1995)

Walsh (2002) concorda com os autores anteriormente citados quando afirma que cada cônjuge atribui uma definição própria à relação procurando determinar a natureza desta. Cada membro do casal funciona conforme a própria definição que pode ratificar, negar ou modificar a definição do outro. Para que a relação do casal funcione é necessário que as definições particulares sobre a relação entrem em um equilíbrio, do contrário a permanência da relação ficará ameaçada.

Assim, quanto maior a autoridade de um dos cônjuges sobre o outro, mais insatisfatório e disfuncional é o casamento. Quando na relação há um desequilíbrio

1 Graduada em Psicologia (UNIFOR), pós-graduada em Neuropsicodiagnóstico e Neuropsicologia (UniChristus), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

2 Graduada em Psicologia (UNIFOR), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

3 Graduada em Psicologia (UFC), Mestre em Saúde Pública (UECE) .

frequente de poder, podem ocorrer alguns sintomas como redução no desejo sexual, fadiga e depressão, que se manifestam com mais frequência na esposa. A ausência de flexibilidade e tolerância diante de mudanças inesperadas na rotina, podem provocar crises na relação do casal e da família. Quando não há coesão entre os casais, ocorre um desequilíbrio entre aproximação e consideração ao distanciamento e às diferenças pessoais. A comunicação conjugal é prejudicada se o casal não exprime reciprocamente os sentimentos de afeto, cuidado e amor (RODRIGUES & FERNANDES, 2014).

Naturalmente, o modo como o homem lida com as situações e percebe os acontecimentos difere da mulher, o que passa a ser potencializado quando há um desentendimento no casal. Conforme Poeschl (2016) o modo de agir entre homens e mulheres varia, segundo a pesquisa que desenvolveu sobre relação de poder entre cônjuges e estratégias de influência no casal.

Em seu trabalho Poeschl (2016) pôde constatar que os homens acreditam que as mulheres recorrem a todos os tipos de estratégia, em situações que exigem uma definição do casal, enquanto que a mulher acredita fazer uso de estratégias brandas. As mulheres apresentam, como característica mais evidente, a argumentação e a negociação quando estão mais inclinadas a fazer valer sua opinião. Já o homem, utiliza a manipulação e a coerção, quando intencionam impor sua opinião, tais recursos podem se dever ao propósito da intenção de persuadir e obrigar.

Portanto, levando em consideração que naturalmente existe o modo como o homem se comunica e o modo como a mulher se comunica, conforme Bezerra et al (2005), casais que enfrentam dificuldades na comunicação, onde as informações não são precisas e claras, não informando assim sobre desejos e insatisfações, apresentam uma maior probabilidade de ocorrência de conflitos e distorções, em virtude da comunicação não efetiva presente na relação. Desse modo, ficam comprometidas as informações passadas sobre aquilo que agrada ou desagrade o cônjuge

Quando as dificuldades não são superadas e o casal passa dos papéis de marido e mulher ao papel de pais, educar os filhos nesses moldes traz consequências. Mendes e Pessôa (2013) entendem que os pais funcionam como agentes sociais na

1 Graduada em Psicologia (UNIFOR), pós-graduada em Neuropsicodiagnóstico e Neuropsicologia (UniChristus), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

2 Graduada em Psicologia (UNIFOR), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

3 Graduada em Psicologia (UFC), Mestre em Saúde Pública (UECE) .

relação de família e são capazes de prover aos filhos o apoio que eles necessitam, o que os torna mediadores, no processo de construção do mundo social dos filhos. Mais que isso, o conjunto de crenças e metas familiares compõe o alicerce para a socialização das emoções e, ao mesmo tempo, constituem uma base para um desenvolvimento saudável. Portanto, para Mendes e Pessôa (2013) um casal que tem uma relação conturbada, contribui para a constituição de um desenvolvimento permeado por uma confusão de sentimentos e conseqüente dificuldade do filho em lidar com o outro e com situações da vida.

3.3 As conseqüências de uma relação disfuncional para os filhos

Na tentativa de estudar as relações conjugais e o nascimento dos filhos, Barbiero e Baumgarten (2015) concluíram que constituir uma identidade conjugal não é uma tarefa tão simples, exige do casal disposição, diálogo e compreensão. Com a chegada dos filhos, a atualização dessa identidade constituída inicialmente se torna complexa, pois a vinda de uma criança demanda dos pais profundas transformações físicas, psicológicas e sociais, que não podem ser evitadas nem negligenciadas.

Para alguns casais o filho pode enriquecer a relação conjugal, para outros a chegada de um filho pode destruir um casamento, em alguns casos a parentalidade pode até dar certo se o filho for muito planejado e desejado. O sucesso da vida a dois dependerá do modo como o casal constrói a relação, se a base dela se encontra em terreno instável (relação baseada só em sexo), ou em terreno seguro (relação baseada em reciprocidade e compreensão mútua) (BARBIERO; BAUMKARTEN; 2015).

Além disso, Silva, Menezes e Lopes (2010) também constataram que a bagagem de experiências adquiridas no meio familiar, tem grande influência na aprendizagem de padrões de relacionamento e no modo como o indivíduo interpreta o ambiente a sua volta. Portanto, através dessas observações se torna justificável apresentar algumas fontes que abordam as temáticas: ciclo de vida, transgeracionalidade e linguagem, pois estas dão subsidio para a compreensão da questão central apresentada no início desse estudo.

1 Graduada em Psicologia (UNIFOR), pós-graduada em Neuropsicodiagnóstico e Neuropsicologia (UniChristus), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

2 Graduada em Psicologia (UNIFOR), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

3 Graduada em Psicologia (UFC), Mestre em Saúde Pública (UECE) .

As fases do desenvolvimento como infância, adolescência, maturidade e velhice são classificações que definem o processo de desenvolvimento do ser humano. Através desse processo ele tem a possibilidade de se perpetuar por meio dos filhos e daqueles com quem conviveu. Cada ciclo de vida, quando vivenciado da melhor forma, encerra um momento da vida de modo a gerar satisfação além de conferir uma bagagem de experiências para uma existência que vale a pena (ANTON, 2012).

O processo de crescimento implica em acontecimentos difíceis e marcantes, mas fundamentais. Anton (2012), ao falar sobre ciclo de vida, afirma que o crescimento seria um processo necessário para o indivíduo, onde ocorrem perdas e ganhos, com desafios contínuos. A ocorrência do ciclo vital, com os acontecimentos adequados de todas as suas fases, é um processo dependente de um sistema operando de modo funcional. Quando ocorre um andamento do ciclo vital diferente disso, há uma tendência a fixações e conseqüente prejuízo para todos aqueles que compõem o sistema.

Anton (2012) considera que influência mútua e comunicação estabelecem uma relação direta nos seres humanos, ainda que ocorra de modo não verbal, uma vez que estes reagem com intensidade as sensações que entram em contato, não apenas as verbais e auditivas. Os seres humanos não reagem só as ideias e pensamentos, mas também reagem intensamente a diversidade de sentimentos e a tudo aquilo que represente ameaça a sua segurança e bem-estar.

Uma parte considerável da influência do sistema sobre o indivíduo, de um subsistema sobre outro, de um sistema organizado e maior, sobre outro menor e menos organizado, acontece de modo que os indivíduos participantes do sistema não chegam a perceber claramente, não percebem também a existência de reciprocidade nessas relações e de circularidade, o que seria o mútuo reforço. Desse modo, pode ser criado um clima favorável para o desenvolvimento do ciclo vital, ou um clima inibidor do desenvolvimento do ciclo, através do acontecimento de respostas repetitivas, o que caracteriza a fixação em alguma etapa do ciclo vital (ANTON; 2012).

Toda criança é precedida por um banho de linguagem, através do encontro dos pais, antes da concepção, o que resulta na fecundação. Cada criança tem uma história

1 Graduada em Psicologia (UNIFOR), pós-graduada em Neuropsicodiagnóstico e Neuropsicologia (UniChristus), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

2 Graduada em Psicologia (UNIFOR), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

3 Graduada em Psicologia (UFC), Mestre em Saúde Pública (UECE) .

que é inscrita, antes mesmo do seu nascimento, através do encontro dos pais, e tal história é inscrita por meio do encontro mais ou menos bem-sucedido de duas linguagens. Então, esse banho de linguagem não é limitado às palavras que a criança ouviu no momento em que aprende a falar, mas ele já existe no seio de sua família e é formado pela junção de duas linhagens (SEZEJER; STEWART, 2002).

Cada linhagem apresenta sua especificidade, constituindo uma história própria e única, e cada membro de cada linhagem tem a própria versão da história, que é construída através de tudo aquilo que é dito e de tudo aquilo que não é dito também. Por meio dessas palavras, que apresentam um certo nível de acordo entre os membros de cada linhagem, e através do não dito, é que as bases de formação do inconsciente são formadas e essas bases do inconsciente posteriormente serão revertidas em consciente. É assim que se forma o psiquismo da criança (SEZEJER; STEWART, 2002).

Então, o acontecimento do encontro terá um significado particular na história de cada um deles além disso fará parte do banho de linguagem de onde nascerá o filho. Logo, segundo Sezejer e Stewart (2002) o filho de um casal que nasce em um meio onde os pais não se entendem, carregará o peso de uma missão reparadora. Mas isso não implica que esse peso o esmagará, ou que a criança irá cumprir essa missão, através de sua personalidade poderá negociar, realizar ou fazer fracassar tal missão. Isso não livra o filho, pois essa missão fará parte da bagagem dele e influenciará no seu modo de agir diante da vida.

As mensagens transmitidas desde o nascimento, segundo Mandelbaun (2010) são perpetuadas pelas gerações através do modo de ser, por meio da cultura familiar e na rede das relações familiares, bem antes do nascimento de novos membros. Nesse entrelace das relações familiares, se forma um emaranhado de vias de transmissão, com os membros que compõem a família, participando ao mesmo tempo como ativos, naquilo que transmitem, e passivos naquilo que recebem. Um membro da família é capaz de transmitir a mensagem que cria e as que o atravessa. Dessa última, o membro da família é mensageiro, por vezes sem saber. O membro da família também é depositário das mensagens de outros membros, podendo reproduzir e reelaborar a partir de sua forma própria de compreensão.

1 Graduada em Psicologia (UNIFOR), pós-graduada em Neuropsicodiagnóstico e Neuropsicologia (UniChristus), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

2 Graduada em Psicologia (UNIFOR), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

3 Graduada em Psicologia (UFC), Mestre em Saúde Pública (UECE) .

O caminho que leva ao processo de transmissão psíquica é a identificação. Mandelbaun (2010) acredita que estando identificado com o outro ou com o desejo do outro, o sujeito dentro da família nada mais é do que um conjunto coeso de interiorizações, estas constituídas principalmente dentro da vida em família. Tais interiorizações ocorrem por meio da introjeção, à medida que aquilo que o sujeito recebe pode ser psicicamente transformado, elaborado, convertendo-se em um objeto mental que dialoga com outros objetos do mundo interior desse sujeito. É o que ocorre quando o membro da família entra em contato com acontecimentos familiares e passa a rever toda a história, dando uma configuração própria, por utilizar as próprias experiências.

Mas o contrário, a não reelaboração dos acontecimentos familiares, pode ocorrer. Então, as fantasias e os acontecimentos familiares passam de uma geração a outra, sem modificações. Daí que surgem significantes brutos, manifestos como ato ou sintomas no corpo. O entendimento de que certas patologias ocorrem com base na natureza das estruturas vinculares e nas dinâmicas das interações em família, propiciou uma maior compreensão do sofrimento psíquico (MANDELBAUN; 2010).

O sofrimento psíquico também está relacionado ao lugar ocupado pelo membro da família na cadeia de gerações, que tem como papel fundamental receber e transmitir conteúdos que demandam comunicação e elaboração. É com urgências que as gerações procuram transmitir tudo aquilo que não puderam elaborar, representar ou pensar, pois é da ordem do traumático. Mas a esperança se encontra nas gerações seguintes, que podem transformar o ocorrido em linguagem simbólica, em representações passíveis de serem pensadas, do contrário quando não há uma elaboração dos fatos, isso é caracterizado como incorporação, compulsão a repetição, alienação. Sendo assim, o significante bruto (acontecimento traumático sem elaboração) passa a ser considerado um destino a cumprir, sem haver outra possibilidade (MANDELBAUN; 2010).

Tudo vai depender de como os filhos lidam com as circunstâncias. Existe a possibilidade de repetição do padrão de comportamento familiar ou a atribuição de um novo significado para as experiências vividas no seio da família de origem.

1 Graduada em Psicologia (UNIFOR), pós-graduada em Neuropsicodiagnóstico e Neuropsicologia (UniChristus), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

2 Graduada em Psicologia (UNIFOR), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

3 Graduada em Psicologia (UFC), Mestre em Saúde Pública (UECE) .

4. CONCLUSÃO

Os primeiros estudos sobre desenvolvimento infantil iniciaram com o questionamento sobre o que causa problemas psicológicos na infância. A partir disso, diversos estudiosos chegaram à conclusão de que os pais seriam os algozes, principais atores do sistema familiar, causadores dos problemas dos filhos. Já outros estudiosos sugeriram inclusive que os filhos fossem separados dos pais.

Mas atualmente, com uma melhor compreensão sobre o desenvolvimento e as influências sobre os novos membros da família, sabemos que as influências podem vir dos antepassados, através dos princípios, que são mantidos na família, e do modo como o sistema atual funciona e as percepções que esse sistema tem sobre esses princípios, que podem ser revistos, renovados ou permanecer como sempre foi.

Hoje temos estudos que nos mostram o ideal de parceiro sendo constituído na infância, através da aprendizagem que tem por base e molde a relação dos pais. É no cotidiano, na interação com o filho e na relação de casal, que mensagens são deixadas no inconsciente e essas mensagens irão conduzir o indivíduo na escolha do cônjuge. Uma das coisas que também move o indivíduo na busca de um parceiro que se enquadre no perfil considerado ideal é a ocorrência de um vazio, uma falta. Essa falta é consequência do primeiro processo de separação sofrido na infância e se repete na busca pelo parceiro ideal. Quando este é identificado, sensações de conforto, bem-estar e segurança ocorrem, o que não é uma experiência totalmente desconhecida pelo indivíduo, pois essas sensações são as mesmas desencadeadas na relação com os primeiros cuidadores significativos, frequentemente os pais, após o nascimento e ao longo da infância.

O casal ao longo do tempo, ao decidir levar uma vida em comum, enfrenta um conjunto de desafios geradores de ansiedade. É preciso nesse momento percorrer os próprios princípios, os princípios do companheiro e entrar em um consenso, para estabelecer as próprias regras do novo lar. O problema é que essa fase é tão complexa que os casais passam por um momento em que a relação é colocada à prova.

Casais que estabelecem relações, em uma base segura, conseguem superar juntos as dificuldades, mas aqueles que constituíram a relação em uma base instável

1 Graduada em Psicologia (UNIFOR), pós-graduada em Neuropsicodiagnóstico e Neuropsicologia (UniChristus), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

2 Graduada em Psicologia (UNIFOR), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

3 Graduada em Psicologia (UFC), Mestre em Saúde Pública (UECE) .

geralmente a relação corre risco.

Além da ansiedade gerada pela mudança, o casal ainda pode enfrentar mais problemas, quando em sua família de origem, o casal referência apresentou ao longo da vida um modelo de padrão disfuncional. Se o casal não superar as dificuldades antes de ter filhos, a relação disfuncional poderá também afetar esses filhos, gerando consequências como dificuldade nas relações em meios distintos do meio familiar. Mas vale lembrar que tudo isso irá depender de como os filhos lidam com as situações. Eles terão como opção repetir esse padrão de comportamento (filhos que não conseguem rever o modo de funcionamento da família), como podem não repetir, resignificando a própria história de vida e a história de sua família de origem.

Quando isso acontece o indivíduo se dá a possibilidade de imprimir sua forma de ser, através de sua percepção, encontrando o seu lugar, e acaba livrando-se do peso da ansiedade gerada por vinculações excessivas, se colocando no mundo como uma pessoa mais segura.

REFERÊNCIAS

ANTON, I. L. C. Crianças x terapia de casal. In:_____. **O casal diante do espelho: psicoterapia de casal teoria e técnica**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012, p.1-13.

ANTON, I. L. C. Funcionalidade e disfuncionalidade nas relações amorosas. In:_____. **A escolha do cônjuge**. 2 ed. São Paulo: Artmed, 2012, p. 124-136.

BARBIERO, E. B.; BAUMKATRTEEN, B. B. Somos pais, e agora? A História de Nós Dois Depois dos Filhos. **Rev. Pensando Famílias**, junho 2015, v.19, n.1, p.32-35.

BEZERRA, E. A.; MARTINS, J. P.; MORESCO, L.; ZANONI, S. H. M. S. A influência da comunicação no relacionamento conjugal. **Rev. Arq. Ciênc. Saúde Unipar, Umuarama**, janeiro-março 2005, v.9, n.1, p. 31-36.

BUENO, R. K.; SOUZA, S. A.; MONTEIRO, M. A.; TEIXEIRA, R. H. M. Processo de diferenciação dos casais de suas famílias de origem. **Rev. Psico**, janeiro-março 2013, v.44, n.1, p.16-25.

CALIL, V. L. L. O modelo psicanalítico. In:_____. **Terapia familiar e de casal**. 9. ed., v. 31. São Paulo: Summus, 1987, p. 117-134.

1 Graduada em Psicologia (UNIFOR), pós-graduada em Neuropsicodiagnóstico e Neuropsicologia (UniChristus), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

2 Graduada em Psicologia (UNIFOR), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

3 Graduada em Psicologia (UFC), Mestre em Saúde Pública (UECE) .

FÉRRER-CARNEIRO, T.; DINIZ NETO, O. A construção e dissolução da conjugalidade; padrões relacionais. **Rev. Paidéia**, maio-agosto 2010, 20 (46), p. 269-278.

HAZAN, C. A natureza essencial das relações conjugais. In:_____. Org. JOHNSON, S. M.; WHIFFEN, V. E. **Os processos do apego na terapia de casal e família**. São Paulo: Roca, 2012, p.40-60.

LORIEDO, C.; STROM, P. Os processos de transmissão transgeracional nos casais e o tratamento das problemáticas ligadas as famílias de origem. In:_____. Org. ANDOLFI, M. **A crise do casal**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 123-138.

MAHLER, M. S.; RABINOVITCH, R. Efeitos do conflito conjugal sobre o desenvolvimento dos filhos. In:_____. Org. EISENSTEIN, V. **Relações neuróticas no casamento**. Rio de Janeiro: Vozes, 1971, p.45-54.

MANDELBAUN, B. Sobre a transmissão geracional. In:_____. **Psicanálise da família**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2ed. 2010, p. 110-119.

MENDES, D. M. L. F.; PESSÔA, L. Comunicação afetiva nos cuidados parentais. **Psicologia em Estudo**, Maringá, jan.-mar. 2013, 18 (1), p. 15-25.

MINUCHIN, S.; NICHOLS, M. P.; LEE, W. Y. Crianças problemáticas e seus pais. In:_____. **Famílias e casais: do sintoma ao sistema**. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 33-37.

MOSMANN, C.; FALCKE, D. Conflitos conjugais: motivos e frequência. **Rev. da SPAGESP**, julho-dezembro 2011, v.12, n. 2, p.5-16.

MUSSUMECI, A. A.; PONCIANO, E. L. T. Coping diádico ao longo do ciclo de vida conjugal. **Rev. Anais do EVINCI – Unibrsil**. v.1, n.4 (2015).

POESCHL, G. Relação de poder entre cônjuges e representações sociais das estratégias de influência no casal. **Rev. Crítica de Ciências Sociais**, dezembro 2016, 111, p. 109-132.

RODRIGUES, R. P.; FERNANDES, T. G. In:_____. Pérolas: coletânea de pareceres nacionais contemporâneos. In:_____. Org. ANTON, I. L. C. **O casal diante do espelho: psicoterapia de casal teoria e técnica**. 2 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014, p.229-256.

1 Graduada em Psicologia (UNIFOR), pós-graduada em Neuropsicodiagnóstico e Neuropsicologia (UniChristus), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

2 Graduada em Psicologia (UNIFOR), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

3 Graduada em Psicologia (UFC), Mestre em Saúde Pública (UECE) .

SCHUSTER, A. L. M.; ALVES, A. P.; CORREA, D. M.; BRONZATTI, G.; HORNOS, L.; Transgeracionalidade e psicoterapia de casal. In: **O casal em crise**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1995, p.235-236.

SANTIR, V. A mudança no casal. In:_____. Org. ANDOLFI, M.; ANGELO, C.; SACCU, C. **O casal em crise**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1995, p.29-37.

SILVA, I. M.; MENEZES, C. C.; LOPES, R. C. S. Em busca da “cara-metade”: motivações para a escolha do cônjuge. **Rev. Estudo de Psicologia**. v. 27, n. 3, 2010, p. 383-391.

SZEJER, M.; STEWART, R. A pré-história da criança. In:_____. **Nove meses na vida de uma mulher. Uma abordagem psicanalítica da gravidez e do nascimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2ed. 2002, p. 43-81.

WALSH, F. Casais saudáveis e casais disfuncionais: Qual a diferença? In:_____. Org. ANDOLFI, M. **A crise do casal**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 13-28.

WHITAKER, C. A.; As funções do casal. In:_____. Org. ANDOLFI, M.; ANGELO, C.; SACCU, C. **O casal em crise**. 3 ed. São Paulo: Summus, 1995, p.21-28.

1 Graduada em Psicologia (UNIFOR), pós-graduada em Neuropsicodiagnóstico e Neuropsicologia (UniChristus), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

2 Graduada em Psicologia (UNIFOR), Formação em Terapia de Família e Casal pela ACTF.

3 Graduada em Psicologia (UFC), Mestre em Saúde Pública (UECE) .